

ADOLESCENTES DA PERIFERIA E A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NO BRASIL: EFEITOS DO DISPOSITIVO DA ESCUTA-FLANERIE

Coordenador: ROSELENE RICACHENEVSKY GURSKI

A ação que estamos desenvolvendo junto às adolescentes do Coletivo Preta Velha somou-se ao interesse do NUPPEC em intervir nas questões relativas à dimensão sociopolítica do sofrimento de meninas e mulheres, negras e periféricas - sofrimento, em geral, decorrente da violência de gênero e de raça. Ao escutarmos as narrativas das mulheres do território, no ano de 2022, compreendemos a gravidade do aumento de episódios de violência de gênero, especialmente no que se refere à transmissão transgeracional deste sofrimento. Estas observações nos levaram a propor uma ação de extensão com as filhas dessas mulheres, a partir do dispositivo da escuta-flânerie, visando, sobretudo, a produção de condições de elaboração de vivências traumáticas. A trajetória de construção da escuta-flânerie, um dispositivo clínico de pesquisa e intervenção desenvolvido nos trabalhos do NUPPEC junto à política socioeducativa, articula um modo da escuta psicanalítica se apresentar no campo social, oferecendo a possibilidade de uma fala livre e por associação. No encontro da Psicanálise com a socioeducação, tornou-se possível seguir os estudos que já vínhamos fazendo desde a articulação da escuta psicanalítica com o tema da experiência e do flâneur em Benjamin e Baudelaire (Gurski, 2008, 2014; Gurski, 2019). Escolher Benjamin e Baudelaire, em articulação com a escuta psicanalítica, a fim de traçar um caminho de diálogo com o mal-estar de meninas adolescentes da periferia da cidade implica compreender a contemplação da flânerie como um dispositivo que empresta uma posição possível ao pesquisador nas pesquisas psicanalíticas desenvolvidas no campo social. Ao nos colocarmos nesta posição, vivenciamos o tempo e o espaço próprio da instituição, com o intuito de evocar a manifestação de uma narrativa mais próxima das questões do sujeito. Temos escutado, através das vivências presentes nas narrativas das meninas, os efeitos da transmissão transgeracional da violência contra a mulher negra e de vida precarizada, onde utilizamos os diários de experiência² como registro da experiência vivenciada em campo. Entendemos que, através desta escuta, temos possibilidade de criar condições para uma possível elaboração do efeito traumático da violência dirigida a essas mulheres e adolescentes. A ação se configura também como um modo de reafirmar o compromisso ético-político da Universidade Pública com a atenção à Comunidade, especialmente com aquelas que vivenciam, na pele e de modo interseccional, o sofrimento associado ao racismo e sexismo.